

INTELECTUAIS E POLÍTICA.*

FÁBIO MAZA

A pertinência do tema sobre o intelectual está presente nas reflexões atuais impulsionadas “pela crescente perda de senso crítico dos intelectuais”.ⁱ Este fato conduz ao “fetichismo do êxito” e ao “descompromisso com o valor das idéias e muitas vezes na transigência dos princípios éticos”.ⁱⁱ

Neste sentido, devemos buscar o “sentido mais profundo da função intelectual: o exercício permanente da crítica”. Para tanto partiremos das análises de duas autoras, Elide Rugai Bastos e Walquíria Leão Rego. Assim, acreditam ser “o vínculo entre atividade de pensar e o empenho moral do analista” condição necessária para a “elevação da condição humana”. Para essas autoras “os intelectuais podem contribuir de algum modo no processo de transformação do mundo na direção emancipatória da humanidade”.ⁱⁱⁱ

Para as mesmas autoras será Sócrates que irá inaugurar o “dilema principal da atividade intelectual”. Este se expressa na dualidade entre “distância crítica e envolvimento”.^{iv} Em outras palavras, “a persistência da tensão existente entre o lugar de observação das coisas e a justa medida a se manter entre o distanciamento dos fenômenos que o intelectual analisa e seu envolvimento com os mesmos”.^v

Este dilema está na base das reflexões sobre a relação do conhecimento e seus condicionamentos sociais. Parafraseando Sartre, segundo o qual “ponto de vista do proletariado é o horizonte científico de nossa época”, Löwy utiliza-se de uma “metáfora topológica” para defender a superioridade do ponto de vista proletário. Segundo o autor ele apenas garante um “maior possibilidade de acesso à verdade”.^{vi}

O grau de complexidade desta questão está no fato que nem todos aqueles que pensaram o papel do intelectual acreditam neste condicionamento classista para se chegar à verdade. Para nos atermos a um autor apenas, lembremos Benda que acreditava na necessidade do intelectual estar acima dos condicionamentos de nação, raça e classe e se

* Fábio Maza. Doutor em História Social pela USP e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

orientar por valores universais como justiça e verdade. Na perspectiva de Benda uma proposta com a de Löwy, ou mesmo Sartre, se inscreveria no universo de decadência da cultura ocidental de seu tempo.

Por sua vez, Bobbio fala-nos da relação entre política e cultura servindo-se de uma antinomia. A primeira asserção resulta da posição do mesmo Benda: “se o homem de cultura participa da luta política com tanta intensidade que acaba por se colocar a serviço desta ou daquela ideologia, diz-se que ele trai sua missão de clérigo”.^{vii}

A missão de clérigo é vista como algo cujos princípios estão contidos em si mesmo, como se fosse possível uma “missão” estar acima das contradições da sociedade. No entanto, se o homem de cultura “põe-se acima do combate” para não trair e se desinteressa pelas paixões da cidade, “diz-se que faz obra estéril, inútil, professoral”. Esta é a posição de Gramsci que Bobbio utiliza para problematizar a questão.

Portanto, trata-se de uma relação permanentemente tensa da atividade intelectual que pode gerar duas atitudes lesivas a atuação do intelectual: a apologia e a indiferença.

Partindo do pressuposto de que a “crítica é a própria razão da atividade intelectual”, uma “crítica social” engendrada pelo racionalismo moderno, Bastos e Rêgo afirmam que a apologia paralisa a crítica. Já a indiferença é vista como outra forma de cegueira, pois o “afastamento do intelectual do sofrimento dos homens, sua negação de comprometer-se com a busca da gênese deste, configura barreira quase intransponível para a compreensão do mundo”.^{viii}

As autoras consideram, estão, os intelectuais “como sujeitos morais”. Partem das preocupações do pensador italiano Domenico Losurdo que acredita ser um dever do intelectual refletir sobre sua “real posição no mundo” e com isto questionar “as conseqüências objetivas do discurso por ele desenvolvido”.^{ix} É esta tomada de “consciência histórica” que ele caracteriza como um “imperativo moral” :

(...) a consciência histórica é a condição preliminar para que o intelectual se coloque no exercício da atividade intelectual, como sujeito moral diante de conflitos e responsabilidades inevitáveis (LOSURDO,1999:196)

Trata-se, então, segundo este ponto de vista analítico, de uma “orientação normativa”. Este teria sido inaugurada como tradição por Sócrates e estaria contemplada nas idéias de vários intelectuais como Fichte, Benda ou Sartre. Em outros termos, o que estaria em jogo nesta “orientação normativa” seria a “aspiração de autonomia do intelectual em relação aos poderes constituídos”.^x

Este seria o segundo compromisso do intelectual. Se o primeiro é o senso crítico, a crítica, esta atitude deve os levar a este segundo compromisso, ou seja, a autonomia em relação aos poderes constitutivos. Portanto são os “imperativos éticos que norteiam a atividade intelectual”.^{xi}

Diante deste cenário o fantasma da dual extremidade de posturas, apologia ou indiferença, pode levar a “*perda do senso crítico*” e como isto o “esvaziamento da substância da atividade intelectual”.^{xii} Há portanto, a necessidade de um balanço histórico diante da atual posição do intelectual em nossa sociedade.

Ao nosso ver a necessidade de um balanço também justificasse por outra razão, ligada aos questionamentos na obra de Gramsci. Ao se perguntar se os intelectuais formavam um grupo autônomo e independente, ou se cada grupo social possuía seu próprios intelectuais especializados, o pensador italiano inicia sua resposta afirmando: “O problema é complexo por causa das várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais”.^{xiii}

Portanto, além das preocupações metodológicas de Gramsci, que acreditava não ser possível estudar os intelectuais circunscritos apenas a sua obra, mas que se deveria buscar compreendê-los no “conjunto geral das relações sócias”, devemos também considerar cada

ponderação sobre o papel, missão, etc dos intelectuais, nos devidos momentos de crise que geraram as reflexões sobre a ação dos homens de cultura.

É no cenário atual de crise sobre o papel do intelectual que devemos mais do que nunca nos preocupar com este sujeito histórico. A primeira questão importante é a de identificar a mudança do *lócus* definidor da natureza do intelectual, o que traz consigo novas instituições definidoras da função do intelectual.

O que é claramente observado é o “poder crescente de que são investidos os meios de comunicação para organizar a agenda do debate político”.^{xiv} É a mídia de define também os “sujeitos do debate das questões públicas e coletivas”. Como tudo, os intelectuais então imersos nas regras do mercado.

A força da mídia transforma o intelectual em “vedete”. Assim, seu papel público não deveria se confundir com a sua “vedetização midiática”. Para Bastos e Rêgo muitos “intelectuais confundem a larga exposição ao público com o compromisso com a esfera pública”.^{xv} Como “solução” deste problema as autoras nos falam:

Para a retomada do verdadeiro sentido da crítica é imperioso, no mundo contemporâneo, requalificá-la. A requalificação significa, necessariamente, a retomada de sua radicalidade (...) a crítica contundente da ordem social constituída e o julgamento crítico dos instrumentos de transformação que se mostraram passíveis de corrupção. (BASTOS E RÊGO,1999:17).

NOTAS

ⁱ BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Wlaquíria D. Leão. *Intelectuais e Política. A moralidade do compromisso*. São Paulo, Editora Olho d'água. 1999: 05.

ⁱⁱ Ibidem:idem.

ⁱⁱⁱ Ibidem:idem.

^{iv} Ibidem: 8.

^v Ibidem: idem.

^{vi} LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen – Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo. Ed. Busca vida Ltda,1988. p209.

^{vii} BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997, p.21.

^{viii} BASTOS E RÊGO, 1999: 8/9.

^{ix} LOSURDO, Domenico. *Os intelectuais e o conflito: responsabilidade e consciência histórica*. In: BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Wlaquíria D. Leão. *Intelectuais e Política. A moralidade do compromisso*. São Paulo, Editora Olho d'água. 1999: 196.

^x BASTOS E RÊGO, 1999: 9.

^{xi} *Ibidem*: 10.

^{xii} *Ibidem*: 12.

^{xiii} GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000.p.15.

^{xiv} BASTOS E RÊGO, 1999: 15.

^{xv} *Ibidem*: 16.